

## **Racismo no Futebol e Televisão: Uma Análise Sobre a Cobertura do Jornalismo Esportivo em Casos de Racismo no Futebol Brasileiro**

Emerson Maciel ESTEVES<sup>1</sup>  
Vitor Curvelo Fontes BELEM<sup>2</sup>

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

### **RESUMO**

Tendo em vista a força da televisão no Brasil e do segmento do jornalismo esportivo nesta mídia, esse artigo pretende trazer apontamentos sobre a forma que o jornalismo segmentado no ramo esportivo tem pautado os casos de racismo no futebol brasileiro em suas narrativas. Uma análise de conteúdo foi necessária para traçar códigos de investigação das matérias veiculadas em 2016, 2017 e 2018 e que foram utilizadas como material de base do Observatório da Discriminação Racial do Futebol. Os dados finais apresentados e o corpo do trabalho foram parcialmente retirados da monografia de conclusão de curso “Pele alva e pele alva: uma análise sobre a cobertura televisiva sobre casos de racismo no futebol”<sup>3</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Televisão; racismo; futebol; mídia; jornalismo esportivo.

### **Noções Gerais da Inserção do Negro no Futebol**

A branquitude, entendida como um “lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade” (BENTO, 2002, p. 7) sempre espera que os negros cumpram essencialmente dois papéis pré-determinados na sociedade brasileira: ou de ser artista (músico, sambista) ou jogador de futebol (SANTOS, 1984). O futebol, sendo um espaço de competição, é o local que, “zelosamente

---

<sup>1</sup> Graduado no Curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe, e-mail: emersonmesteves@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social (DCOS/UFS), e-mail: vitorcfb@gmail.com

<sup>3</sup> A monografia com este título foi defendida e aprovada junto a banca de avaliação do Departamento de Comunicação Social (DCOS/UFS) em março de 2020; o corpo deste artigo foi parcialmente submetido ao SBPjor 2020.

---

guardado”, vem à tona quase sempre as expressões de preconceito racial (idem) desde sua inserção no cenário brasileiro, num contexto de proibição da prática do esporte a partir de recortes sociais/raciais, até situações de um racismo institucional maquiado.

O futebol chega em terras brasileiras apenas seis anos depois do fim da escravatura do Brasil. Em 1894, Charles Muller e Oscar Cox traziam debaixo do braço a bola e as regras de um esporte que tinha sido criado anos antes na Grã-Bretanha. Em um contexto de uma recente abolição da escravidão no país, a prática do esporte acabou refletindo as questões raciais e sociais que se apresentavam na época para os grupos racializados (HELAL e GORDON JR, 2007). Uma longa e profunda herança colonialista e escravista pesava ainda nas estruturas sociais e nas instituições, e o futebol absorveu, direta e indiretamente, essas influências. Por isso foi no solo brasileiro, durante os primeiros anos de sua existência, uma prática elitista, racista e excludente, reproduzindo constantes estruturais de nossa formação, como a exclusão de pessoas negras. O racismo foi um dos traços mais marcantes na conjuntura inicial do futebol brasileiro. Um racismo acoplado a um elitismo social e cultural flagrantemente na concentração de rendas, de poder e de oportunidades (HELAL e GORDON JR, 2007).

De acordo com Carvalho (2018), nos primeiros anos, a formação dos times no futebol brasileiro se deu basicamente por orientação racial e social. Os clubes que não declararam abertamente em seus estatutos que apenas brancos podiam praticar o esporte tornavam isso explícito a partir do momento que se colocava altos preços nas mensalidades. Desta forma, os negros recém-saídos da escravidão e que se encontravam em situação financeira muito abaixo dos brancos se viam incapazes de atuar no futebol.

Não há um consenso sobre uma data e um time específico que um jogador negro tenha praticado o futebol pela primeira vez no Brasil. Um dos clubes pioneiros em possuir negros em seu plantel de jogadores foi a Ponte Preta, time do interior de São Paulo. Desde sua fundação, em 11 de agosto de 1900, o clube já possuía jogadores negros em seu quadro de atletas. O Bangu Atlético Clube, time da periferia do Rio de Janeiro, também se destacou nesse cenário ao escalar o atleta negro Francisco Carregal em 1905, sendo um dos primeiros clubes a fazer isso (CARVALHO, 2018).

Porém, a inserção de jogadores negros não foi vista com bons olhos pelas ligas desportivas que organizavam as competições na época. Existia uma exclusão racial regulamentada nos campeonatos (CARVALHO, 2018). Em 1907, por exemplo, a Liga Metropolitana de Football (equivalente à atual Ferj) publicou uma nota proibindo o

---

registro de “pessoas de cor” como atletas amadores de futebol. Isso resultou no abandono do Bangu à Liga e na disputa do Campeonato Carioca, que possuía em seu plantel um número considerável de jogadores negros que também eram operários. O time da Zona Oeste do Rio de Janeiro também foi importante na inserção da torcida negra e pobre em seu estádio sem a separação por cor e classe social.

Posteriormente, em 1921, o então presidente da República Epitácio Pessoa se reuniu com diretores da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) para solicitar que apenas jogadores de “pele mais clara” e “cabelos lisos” fossem convocados para o Sul-americano do mesmo ano. Uma clara demonstração de como a elite administrativa do futebol tentava expulsar negros da prática do esporte e manter uma visão mais embranquecida possível de seu povo para o exterior.

Além do Bangu, outro clube do Rio de Janeiro que foi muito importante na inclusão de negros no futebol brasileiro foi o Vasco da Gama. Em 1904, o time já tinha eleito um presidente negro, Cândido José de Araújo, que foi fundamental na história em adotar atitudes que contribuíssem para a inserção de atletas negros e demais jogadores que não pertencessem a elite. Depois de subir para a primeira divisão, em 1923, o Vasco conquistou o título do Campeonato Carioca com um quadro de jogadores repleto de atletas negros, um feito histórico para época, o que foi um choque para sociedade classe média-alta branca carioca. (SOARES, 2007).

Mesmo diante do contexto hostil de ser negro num país que recém tinha abolido o sistema escravocrata e diante de uma sociedade, no início do século XX, explicitamente racializada, o primeiro grande jogador amador do país foi ironicamente um negro. Arthur Friedenreich era filho de alemão com uma brasileira negra e despontou como o maior jogador do futebol brasileiro na época. O jogador, entretanto, precisava se apresentar de forma mais branca possível. Ele alisava seu cabelo crespo para se tornar mais palatável e que assim não sofresse nenhum tipo de retaliação por parte das diretorias e das torcidas. “Autor do gol que daria o primeiro título à Seleção Brasileira, o Sul-Americano de 1919, Friedenreich era mulato e tinha olhos verdes. antes de entrar em campo, o atacante esticava o cabelo rente ao couro cabeludo para parecer ‘mais branco’” (CARVALHO, 2018, [s.p.]).

Um segundo exemplo de jogador negro que precisou renegar seus traços fenótipos (e nesse caso a própria cor) para conseguir praticar o esporte neste contexto foi Carlos Alberto, atleta do Fluminense. No clube de elite da zona sul do Rio de Janeiro, o jogador

---

entrava em campo coberto de pó de arroz no rosto para transparecer ser o mais branco possível. Porém, com o andamento da partida e o suor produzido pelo corpo, o pó de arroz escorria por seu rosto, isso rendeu o apelido que o perseguiu durante sua carreira “pó-de-arroz” (CARVALHO, 2018). “Neste contexto, todo mundo queria de alguma forma ‘embranquecer’ para atender a um ideal da branquitude, seja do ponto de vista físico, seja moral. Um fenômeno comumente visto neste período era de negar à negritude” (HELAL e GORDON JR, 2007).

### **Expressões do Racismo em Campo**

O racismo se manifesta das mais diversas formas no cotidiano brasileiro. A discriminação se revela desde a infância nos mais diversos contextos: na supervalorização da branquitude e uma suposta inferioridade que é relegada aos negros, por exemplo (FERÉ, 2019). De acordo com a pesquisa do Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2019), a palavra que aparece de forma unânime como forma de discriminar os jogadores negros, é “macaco”; além desta, as palavras que apresentaram o maior número de ocorrências são “macacada” e “tição”, seguidas da expressão “nêgo burro”.

O emprego dos termos condicionam as pessoas negras a um estado semelhante ao de espécies primitivas, subumanas. Ressalte-se que as opiniões emitidas pelos indivíduos são sociais e não se dirigem somente a um interlocutor direto. Deste modo, as narrativas evidenciam, sobretudo, a influência, enraizada e sorradeira, das teorias racistas na linguagem. De tal modo que reduzir o negro a animalização traduz a resistência, consciente ou não, de muitos brancos para considerar o negro como seu igual. Tanto isso é verdadeiro que durante uma partida de futebol a palavra macaco não apenas é a mais proferida como insulto, mas também o gesto mais comum é o de jogar bananas, ou cascas da fruta, no campo (FERÉ, 2019).

Os relatos traduzem o racismo materializado na linguagem e constitutivo da cultura brasileira. De acordo com Feré (2019) a grande maioria dos brancos no Brasil, como em vários países do mundo e sobretudo os descendentes de europeus, veem-se como normais. E tal como essa normalidade foi construída, ela implica, de acordo com Michel Foucault (*apud* Feré, 2019), uma relação de poder. Esse poder controla, classifica e impõe como diretriz o que é correto ou não e em que momento, além de punir toda(o) aquela(e) a quem essa norma não se aplica.

---

Segundo ela, essas expressões com sentido similar, sua forma primitiva de linguagem faz referência direta a termos originários do período da escravidão, tais como “volta para a senzala”, mas também à desvalorização étnico-social e à sujeira, “como tinha de ser negro/preto, nêgo fedido/sujo”, ou ainda, remetendo a uma responsabilização dos jogadores negros por uma possível derrota, seja qual for a equipe e a que estado brasileiro ela pertença, como por exemplo, “se a gente perder, você tá f..., preto filho da p...” (FERÉ, 2019).

Acerca da quantidade de situações racistas dentro do ambiente do futebol brasileiro, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, anualmente divulga o Relatório da Discriminação Racial no Futebol, que se propõe a fazer uma análise sistêmica sobre os incidentes raciais no futebol brasileiro, como também de atletas do país que atuam no exterior. Pelo documento são divulgados os casos de preconceito e discriminação ocorridos no esporte brasileiro correspondentes de 1 de janeiro até 31 de dezembro do mesmo ano. As situações de racismo no futebol possuem informações sobre os desdobramentos dos casos, assim como suas respectivas punições.

Em 2019, a incidência de casos de suspeita de atitudes racistas no futebol brasileiro apontou para um novo recorde. O Observatório apontou 56 (cinquenta e seis) ocorrências relacionadas como “suposto caso de racismo” ou “denúncia de racismo”, no futebol. O dado representou um leve aumento em comparação com 2018, ano em que ocorreram 44 denúncias de suspeitas de racismo no futebol. O que representa uma tendência crescente no número de denúncias nos últimos anos; em 2017 foram 43 e em 2016, 25 denúncias foram reportadas na mídia.

Para além do racismo ostensivo individual e/ou grupal que o Observatório de Discriminação Racial monitora é importante destacar também o racismo estrutural que afeta diretamente as estruturas administrativas do futebol brasileiro. Como Almeida (2019) destaca, o racismo estrutural pode atuar impedindo, dificultando ou excluindo pessoas negras de cargos de gerências nas estruturas organizacionais. Essas estruturas possuem a predominância de uma maioria (branca) que visa resguardar seus privilégios. E com o aditivo do preconceito da sociedade em conceber que naturalmente negros não possuem intelecto suficiente para desempenhar funções de gerência e liderança (SANTOS, 1986), não existe representação negra nos cargos administrativos do futebol brasileiro.

Dentre os 20 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, em julho de 2020, apenas Roger Machado, treinador do Bahia e Vanderlei Luxemburgo se autoafirmam enquanto negros. Não há nenhum presidente de clube negro à frente de equipes da primeira divisão, nem das 27 federações vinculadas à CBF. Um levantamento de 2018 do site Superesportes (MADUREIRA, 2019) aponta que apenas três entre 100 dirigentes e treinadores da Série A negros: o técnico Roger Machado, do Bahia, o diretor do Grêmio, Deco Nascimento, e o assessor de futebol do Palmeiras, Zé Roberto. A investigação levou em conta os cargos de presidente, vice de futebol, diretor, gerente, executivo, coordenador, supervisor e técnico (inclusive os interinos).

Nas 13 diretorias (desenvolvimento do futebol, assessoria legislativa, coordenação, competições, comunicações, projetos estratégicos, relações institucionais, financeira, governança, marketing, patrimônio, registro e transferência e tecnologia da informação), não um negro. Para obter uma licença tipo A da CBF, obrigatória para trabalhar na principal divisão do país, o treinador terá que desembolsar R\$ 10.550,00. Já para adquirir a licença pro, a mais alta dos cursos da CBF, o técnico tem que pagar ainda mais caso: R\$ 19.130,00. Sendo que, segundo o (IBGE, 2018), no ano de 2018, pretos e pardos recebiam em média menos da metade que brancos no Brasil.

O único técnico negro da primeira divisão, Roger Machado, já relatou publicamente que teve que “se clarear” para ser aceito no meio futebolístico e social:

O futebol embranquece o negro. Até os 19 anos eu era negro; quando comecei a jogar bola, eu comecei a clarear um pouquinho. Primeiro que, por uma ascensão social, pela visibilidade e por uma questão financeira, eu comecei a frequentar outros lugares que a maioria de nós não consegue frequentar. Segundo porque, em torno dessa habilidade artística com a bola nos pés, você é aceito. Esse seria o lugar de direito do negro, por suas habilidades artísticas — como costumam dizer —, como futebol, capoeira, ser cantor, no samba (VICO, 2019)

### **Força da Televisão e Características do Jornalismo Audiovisual**

A televisão ainda é o meio de comunicação preferido pelos brasileiros para se informar. De acordo com a "Pesquisa Brasileira de Mídia - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira" (IBOPE, 2016), encomendada pela Secretaria de Comunicação Social do Governo ao IBOPE, cerca de 63% da população entrevistada tinha nesta mídia o seu meio principal de obter informação diariamente. Ainda de acordo com a pesquisa, 77% dos entrevistados afirmaram assistir televisão ao menos uma vez todos os dias. Isso se deve, também, pelo fato de o aparelho de tevê ser acessível às

camadas mais populares da população brasileira (SODRÉ, 1977). A televisão fala através da imagem; se estrutura com base na imagem para informar (CHARAUDEAU, 2007). E, já que utiliza as imagens, o cuidado na forma como é feito jornalismo deve ser redobrado, pois o processo de significação se torna mais complexo e amplo (FILHO, 2012).

Noticiar na televisão é ainda mais complicado, pois envolve simultaneamente dois sentidos do ser humano, a visão e a audição. Tendo que mensurar também seu poder de ser uma mídia capilarizada e popular, isso acaba afetando as pessoas de forma emocional. Dependendo da intensidade e da força, uma imagem que aparece no ar por restritos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes para sempre (PATERNOSTRO, 1999).

Como a televisão utiliza primordialmente da informação visual para atingir seu público, ela é limitada quanto à análise da mensagem que emite. Segundo Paternostro (1999, p. 63):

A programação da TV - e aqui estamos falando da tv aberta – tem um ritmo contundente próprio de sua natureza como meio de comunicação de massa, e acaba voltada à transmissão de notícias de maneira breve. O que considera desvantagem na TV (superficialidade) aliada a uma vantagem (imagem) gera um momento peculiar dentro do processo global da informação. A TV estimula e provoca o interesse e a necessidade de se ampliar o conhecimento dos fatos: acreditamos no poder motivador da TV enquanto meio de informação.

Visto que na TV aberta, o telejornalismo não é o principal produto de uma emissora, dado que ele precisa competir com atrações do entretenimento, o jornalismo neste suporte esbarra na limitação do fator tempo, o que influencia no grau de aprofundamento dos assuntos (PATERNOSTRO, 1999). A autora relaciona sete características que o telejornalismo apresenta. A primeira se relaciona com o uso de uma linguagem visual, que exclui a necessidade de leitura por parte do receptor; a segunda é o imediatismo que consiste na transmissão de informação no momento exato em que ela ocorre; a terceira é a capacidade de alcance que a televisão possui, sua abrangência e capilaridade no território brasileiro, o que exige um texto do jornalista de fácil assimilação para que todos compreendam a mensagem; a quarta é a instantaneidade, que ressalta a característica que a televisão tem de transmitir o fato na “hora certa”. A quinta é o envolvimento, o ato de trazer o telespectador para dentro da sua narrativa; a sexta são os índices de audiência, que orientam a programação e criam condições de sustentação comercial; e por fim, a sua limitação por conta da superficialidade, já mencionada.

---

Conforme Paternostro (1999) ressalta, o texto da televisão também possui suas peculiaridades. O texto é feito para ser falado, há a necessidade de utilizar frases curtas para auxiliar a compreensão do telespectador.

Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela. (PATERNOSTRO, 1999, p. 72)

Como afirma Barbero (1995, p. 64) “o gênero não é só uma estratégia de produção, de escritura, é tanto ou mais de leitura. Enquanto as pessoas não encontram a chave do gênero, não entendem o que está se passando na história”. Na busca de serem compreendidas pelo público, as reportagens televisivas utilizam um quadro de referências, instituindo padrões operacionais.

Falas e sotaques, vestimentas, modelos de beleza, procedência geográfica são balizas que conduzem a modos específicos de escrever, filmar e fotografar, ou seja, de mostrar ou ocultar, que acaba, em última instância, de forma arbitrária e excludente, sintetizando o universal do homem. Tanto no Brasil quanto em outros países, os sistemas informativos demarcam e diferenciam o que é relatado/ mostrado, estabelecendo sempre modelos e estilos de vida a serem seguidos. (BORGES, p. 182, 2012)

Para Borges (2012) existe um repertório acumulado que nos faz associar e compreender os discursos expostos na mídia. Os livros estão atrás do entrevistado? Trata-se de intelectuais. Há a utilização de números, porcentagens, cálculos e gráficos? Notícias de economia. Compreendido as características básicas de se noticiar na televisão, é preciso refletir sobre como telejornalismo esportivo se insere nesse contexto. “Com uma abordagem mais leve e informal, o telejornalismo esportivo foi configurando características próprias que o diferenciam de outros programas temáticos (programas jornalísticos que têm enfoque em apenas um tema, como economia, política, agricultura, música)” (SILVA, 2005, p. 1).

Se os telejornais consolidaram uma linguagem textual e visual com uma maior formalidade na apresentação das notícias, os programas esportivos têm seus limites ampliados, permitindo uma maior informalidade e a utilização de recursos criativos para contar suas histórias (SILVA, 2005). De acordo com a autora, o esporte passou a ocupar

um espaço importante na programação televisiva em programas que vão desde boletins contendo informações simples sobre o universo esportivo, a mesas redondas com debate entre especialistas e atuantes da área (ex-jogadores, por exemplo), além de programas exibidos diariamente para relatar os assuntos extracampo (SILVA, 2005).

### **Retroalimentação do Racismo na Mídia**

Sodré (1999) manifesta que a referência ao negro na mídia constrói identidades virtuais, que condiciona essas pessoas aos estereótipos e as folclorizações em torno do indivíduo afro-brasileiro. Conforme o autor afirma, os profissionais midiáticos acabam dessensibilizando-se com problemas dessa ordem, o que gera uma indiferença profissional. Outro elemento que proporciona situações de racismo no cenário midiático e a quantidade reduzida de pessoas negras trabalhando nas redações:

Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas “de cozinha”, isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública (SODRÉ, 1999, p. 246).

No Brasil, vale destacar que as elites específicas do meio midiático possuem basicamente uma natureza familiar. Os editorialistas, articulistas, editores, colunistas, âncoras de tevê, etc., funcionam como filtro e sintetizam de variadas formas a ação e cognição presentes nas elites econômicas, políticas, culturais coexistentes num contexto social. Eles são responsáveis pela absorção, reelaboração e retransmissão de um imaginário coletivo atuante nas representações sociais (SODRÉ, 1999).

Sodré (1999) aponta que discursos danosos, quando se trata da autodiscriminação entre os negros, são absorvidos, pois estes internalizam as imagens negativas sobre si mesmos. Os discursos atuam nos níveis micro e macro: “A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele” (SODRÉ, 1999, p. 243).

---

Diante disso, segundo Borges (2012) às questões raciais projetadas nos meios de comunicação podem nos conduzir a entender as múltiplas formas que o racismo pode ser retroalimentado. Conforme a autora especifica:

O primeiro deles diz respeito ao papel nuclear, à presença incisiva e capilar da mídia em nossas vidas. É fato incontestável o fato de que os sistemas midiáticos tornaram-se vetor majoritário das sociedades ocidentais no primeiro quarto do século XX. Tornou-se moeda corrente dizer que, em tempos de inegável supremacia da técnica, inundados de rápidas transformações, a cultura das mídias instaura novas formas de sociabilidade. É de trivial evidência que o repertório de assuntos e temas que circulam no tecido social é fornecido, sobretudo, pela mídia. (BORGES, 2012, p. 186)

O jornalista negro Flávio Carrança (2012), que escreveu o texto “ O combate ao racismo nos meios de comunicação: A experiência dos sindicatos de jornalistas”, evidencia que, se antes a reflexão sobre o papel da imprensa e dos meios de comunicação era restrita ao âmbito 50 acadêmico, nos últimos anos um espaço maior na agenda se deu ao movimento negro. Isso foi possível, segundo o autor:

“A partir do momento em que percebeu que o jornalismo pode ser um instrumento poderoso, tanto para o reforço ou a produção de preconceito quanto para a promoção da igualdade. Essa mudança teve significativa contribuição dos jornalistas negros e antirracistas organizados em seus sindicatos” (CARRANÇA, 2012, p.152).

### **Jornalismo Esportivo e a Relação Com o Racismo no Futebol: Uma Análise de Conteúdo na Televisão**

A pesquisa de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) produzida para monografia “Pele alva e pele alva: Uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol” (ESTEVES, 2020) trouxe apontamentos relevantes sobre como o jornalismo esportivo da televisão tem fomentado narrativas para casos de racismo no futebol.

Ao todo, entre os anos de 2016, 2017 e 2018, doze matérias audiovisuais que serviram de base para o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, foram coletadas e analisadas a partir de um livro de códigos específico. 16 unidades de análise foram definidas, sendo elas: Título da matéria, Caso, Publicação; Veículo; Tempo; Formato; De que forma o conteúdo aborda o racismo?; Quem foi(ram) a(s) vítima(as)?; A(s) vítima(s) foi/foram entrevistadas?; No que se refere ao fato do racismo em si,

---

excluídos outros desdobramentos do conteúdo, quais tipos de fontes foram entrevistadas?; O ato racista remete a quê; A atitude racista ocorreu paralela a uma situação de derrota?; O conteúdo informa e/ou menciona sobre a lei de racismo/injúria racial; O conteúdo relaciona e/ou menciona outros casos de racismo no futebol; No que se refere especificamente ao texto do repórter e/ou apresentador foi utilizado algum adjetivo atribuído ao caso do racismo e Quais adjetivos foram utilizados pelo repórter/apresentador ao se referir ao caso de racismo? (Item condicionado ao anterior). Após finalizar o preenchimento do livro de códigos com base na análise da dados, os resultados foram obtidos acerca da atuação jornalística em casos de racismo no futebol. Para este trabalho, optou-se por um recorte, abordando apenas os códigos de análise que se relacionam à construção da narrativa pelo jornalismo.

No que se refere a duração dada a cada conteúdo audiovisual notou-se uma tendência que as narrativas sobre jornalismo esportivo em casos de racismo sigam a média de duração de matérias televisivas que duram de 1 (um) a 2 (dois) minutos. Das 12 matérias analisadas, 4 (quatro) estabeleceram este tempo de duração, 3 (três) matérias tiveram a duração entre 2 (dois) e 3 (três) minutos, outras 3 (três) matérias duraram até 1 (um) minuto; uma matéria ultrapassou a barreira de 3 (três) minutos e apenas uma ultrapassou a barreira dos 7 (sete) minutos.

A reportagem foi o gênero mais identificado entre as matérias: ao total, 5 (cinco) dos 12 materiais audiovisuais analisados utilizaram este formato. A reportagem é caracteristicamente identificada como uma matéria de duração maior, mais completa e complexa que os demais formatos jornalísticos informativos (REZENDE, 2009). Dos 12 conteúdos audiovisuais estudados, 9 (nove) ou 75% das matérias tiveram o racismo como o foco do conteúdo, enquanto 3 (três) delas tiveram o racismo como parte de um conteúdo mais abrangente. Ou seja, é possível identificar a partir disso que a grande maioria dos conteúdos audiovisuais deram ênfase, em sua narrativa, o caso de suspeita de racismo, ele foi o gancho principal para narrar a história.

Um outro fator observado foi se as vítimas identificadas nas matérias foram entrevistadas. A pesquisa apontou um empate. 50% ou 6 (seis) matérias entrevistaram as vítimas do suposto caso de racismo e outras 6 (seis) matérias não entrevistaram. Foi verificado quais os tipos de fontes foram ouvidos no que se refere ao fato do racismo em si. Nesta opção, desconsiderou qualquer outro entrevistado que não se referisse a possível situação de racismo. A opção de “nenhuma fonte foi entrevistada sobre o fato do racismo

em si” (6) foi a situação mais comum observada, seguido por jogadores (5), comissão técnica (3), torcedores (1), juristas (1), entidades do meio esportivo (1) e suspeitos/acusados do crime (1).

No que diz respeito ao conteúdo da matéria jornalística, a análise do código 13, tinha o objetivo de verificar se em algum momento houve a informação ou menção da Lei de Racismo e Injúria Racial da Justiça Comum ou da Justiça Desportiva por parte do repórter/âncora. Das 12 (doze) matérias analisadas em 8 (oito) não houve qualquer menção dessas leis que tratam atitudes racistas como crime. Em 4 (quatro) delas houve, em algum momento, ao menos uma menção de que racismo é crime tanto na esfera cível quanto na desportiva, sujeito a penalização. A análise aponta que a maioria dos conteúdos não apontam o suposto caso de racismo como uma situação de crime. O tema não foi visto como uma situação de crime, apenas de polêmica, gozação e provocação (JUNIOR, 2008; SANTOS, J., 1984; SCHWARCZ, 2001).

No 14º código de análise o propósito foi observar se o conteúdo passado relacionava o caso citado nas matérias com outras situações de racismo no futebol. O objetivo deste ponto é verificar se o jornalismo esportivo trata a questão do racismo como algo recorrente no esporte, como os números dos Relatórios Anuais de Discriminação Racial no Futebol evidenciam, ou, se trata os casos como esporádicos e episódicos, situações pontuais. 11 (onze) matérias das 12 (doze) analisadas não fizeram qualquer relação e/ou menção do caso narrado com outros casos de racismo no futebol. A estatística indica que a cobertura de futebol em casos de racismo no futebol trata cada caso de forma isolada, sem ligação.

No penúltimo ponto do livro de códigos a questão em análise foi em relação ao texto do repórter e/ou apresentador. Verificou se os profissionais ao se referirem especificamente ao caso de racismo utilizaram algum adjetivo para atribuir valor ao caso, já que o jornalismo esportivo possui essa flexibilidade maior em relação ao seu texto do que em outras áreas do jornalismo (BERNAL, 2008). Em 11 (onze) das 12 (doze) reportagens o repórter e/ou apresentador utilizou adjetivos para caracterizar o caso de racismo no esporte retratado. Por exemplo, "polêmica", “triste tema”, “o lado triste do esporte”.

### **Apontamentos da pesquisa**

---

Como apontaram os resultados, foi recorrente as matérias retratarem os casos de racismo veiculados como casos pontuais e individuais (onze das doze matérias analisadas não fizeram qualquer relação e/ou menção a outros casos de racismo). O livro de código nos traz outros dados que nos servem para traçar apontamentos sobre a forma como a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual tem atuado diante desses casos.

O racismo foi o tema central das matérias, entretanto, quando contrastado com outros códigos de análise sobre como a narrativa aconteceu nos deparamos com um cenário contraditório: 50% das matérias não entrevistaram as vítimas dos supostos casos; apenas uma pessoa do ramo jurídico foi ouvida em todas matérias; oito das doze não fizeram qualquer menção ao crime de racismo e injúria, onze das doze não fizeram nenhuma relação com outros casos de racismo no esporte, o que denota a criação de uma narrativa ao qual este caso é o primeiro. E ainda onze das doze matérias utilizaram de adjetivos e superlativos no texto, o que pouco se aprofunda sobre os reais efeitos do racismo.

É possível apontar a necessidade de uma sofisticação no tratamento do assunto que é tão importante, necessário e transversal na sociedade brasileira. É necessário destacar que o racismo dentro do ambiente do futebol tem sido pauta nas mídias jornalísticas. Mas, o como tem sido feito, deve ser objeto de reflexão. O jornalismo possui o poder de informar, mas não apenas. Numa mídia tão massificada e capilarizada como a televisão, cobrindo um assunto que move milhões de pessoas todos os dias e que move milhões para os cofres das emissoras, o jornalismo esportivo pode e deve construir pontes para discussões e diálogos mais efetivas e profundas, já que é um tema que atinge não apenas o esporte, mas toda sociedade. Assuntos como o racismo precisam ser contextualizados e objetivos o suficiente para que não sejam refutados, ainda mais em uma sociedade que custa a se assumir enquanto racista e enxergar diversas atitudes discriminatórias como “brincadeira” ou “provocação”.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. D. **Racismo estrutural**. São Paulo : Pólen, 2019.

BARBERO, J. M. **América Latina e os anos recentes**: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, M. A. S. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresárias e no poder público, São Paulo, 2002, p. 169

BERNAL, A. L. **Periodismo Deportivo y Sensacionalismo**: Motivos para la Reflexión. In: MONTÍN, J. M. Imagen, Comunicación y Deporte: Una Aproximación Teórica. Madrid : Vision Libros , 2008. p. 277.

BORGES, R. D. S. Mídia, racismos e representações do outro. In: (ORGS.), R. C. D. S. B. E. R. B. **Mídia e racismo**. Petropólis : DP et Alii, 2012. Cap. 6, p. 180-205.

CARRANÇA, F. **O combate ao racismo nos meios de comunicação**. In: (ORGS.), R. C. D. S. B. E. R. B. Mídia e racismo. Petropólis: DP et Alii, 2012. Cap. 5, p. 154-179.

CARVALHO, M. **O negro no futebol brasileiro: inserção e racismo**. Geledés, 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-negro-no-futebol-brasileiro-insercao-e-racismo/>>. Acesso em: 18 Agosto 2019.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia estrutural. Petropólis : Vozes , 1981.

ESTEVES, E. **Pele alva e pele alva: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol**. Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Comunicação Social, São Cristóvão, 2020.

FERÉ, L. **O valor atribuído à palavra “macaco” e outras injúrias**. In: FUTEBOL, O. D. D. R. N.; SUL/PROEXT, M. D. U. F. D. R. G. D. Relatório da Discriminação Racial no Futebol 2018. 1ª. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2019. p. 39-42.

FILHO, C. M. **Espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. São Paulo: Unijuí, 2002.

FUTEBOL, O. D. D. R. N. **Relatórios Anuais da Discriminação 2018**. Observatório Racial da Discriminação no Futebol, Porto Alegre, 09 Setembro 2019. ISSN 978-85-9489-202-7. Disponível em: <[https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2018.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2018.pdf)>. Acesso em: 25 julho 2020.

HELAL, R.; JR, C. G. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. A invenção do país futebol: Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, v. 5, 2007. Cap. 2, p. 51-72.

IBOPE. **Pesquisa Brasileira de Mídia - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira**. Secretaria de Comunicação Social (SECOM). Brasília, p. 162. 2016.

JUNIOR, R. L. D. S. **Raça e justiça**: O mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça. Recife: Massangana, 2008.

MADUREIRA, T. **Protagonistas em campo, negros são relegados dos cargos de gestão de clubes da Série A**; veja levantamento. Superesportes, 2019. Disponível em: <[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia\\_futebol\\_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml)>. Acesso em: 18 julho 2019.

---

MOORE, C. **Racismo e sociedade:** novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro:** Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV:** o manual de telejornalismo. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REZENDE, G. J. D. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, J. R. D. **O que é racismo.** São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2001.

SILVA, F. M. D. **Jornalismo esportivo como área específica na televisão: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola.** NP 18 – Comunicação e Esporte, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Rio de Janeiro, 05-09 setembro 2005. 01-15.

SOARES, A. J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país futebol:** mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. Cap. 1, p. 13-50.

SODRÉ, M. **O monopólio da fala:** função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis : Vozes, 1977.

SODRÉ, M. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes , 1999.

TELLES, E. **Racismo à brasileira:** uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VICO, M. D. **Futebol embranquece o negro.** UOL, 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/tecnico-roger-machado-da-aula-82-sobre-racismo-e-diz-por-que-clareou-um-pouquinho-quando-virou-jogador/#tematico-3>>. Acesso em: 13 Março 2020.